

Salas de Solidão: Entre Realidade e Ficção

O que acontece quando visita-se a própria mente?

Giovanna Domenegeti Ferreira Vilas Boas
Orientadora: Prof. Dr. Elsieni Coelho da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
IARTE

GIOVANNA DOMENEGETI FERREIRA VILAS BOAS

SALAS DE SOLIDÃO:
ENTRE REALIDADE E FICÇÃO

UBERLÂNDIA
2023

GIOVANNA DOMENEGETI FERREIRA VILAS BOAS

**SALAS DE SOLIDÃO:
ENTRE REALIDADE E FICÇÃO**

CRÔNICA DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO AO
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA COMO REQUISITO PARCIAL
PARA OBTENÇÃO DOS TÍTULOS DE BACHAREL E
LICENCIATURA EM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ARTES VISUAIS

ORIENTADOR: PROF. DRA. ELSIENI COELHO DA SILVA

UBERLÂNDIA
2023

GIOVANNA DOMENEGETI FERREIRA VILAS BOAS

**SALAS DE SOLIDÃO:
ENTRE REALIDADE E FICÇÃO**

CRÔNICA DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO AO
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA COMO
REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DOS
TÍTULOS DE BACHAREL E LICENCIATURA EM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ARTES VISUAIS

UBERLÂNDIA, 2023

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a Elsiei Coelho da Silva – Presidente (IARTE -UFU)

Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami – Membro (IARTE – UFU)

Prof. Dr. Renato Palumbo Dória – Membro (IARTE – UFU)

Dedico esse trabalho a todos que me acompanharam até aqui e não me deixaram desistir, família, amigos, professores e ao Alf, meu querido amigo animal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Elsieni Coelho Silva, por ir além da orientação acadêmica, sendo um apoio nos momentos difíceis, por acreditar mais do que eu mesma nas minhas habilidades, pelos momentos de descontração durante as orientações me permitindo não desabar e nunca me deixando desistir.

Agradeço a minha família por toda a confiança e apoio depositados em mim. Em especial minha mãe Carmem Lúcia, por todo esforço e pelas demonstrações de afeto através de preocupação e cuidado, a minha irmã Franciane, por ouvir meus desabaços e ser meu apoio em materiais de estudo, ao meu pai, José Alcino, sempre um porto-seguro, aos meus sobrinhos mais novos Luri e Cecília, por serem meu sopro de vida e ao mais velho, Pedro Victor, meu sobrinho/irmão/filho, por compartilhar comigo o amor por livros, pelos estudos e pela Arte.

Agradeço a todas minhas amigas construídas no curso, por compartilharem comigo toda essa experiência. Em especial Cristina, Michelle e Vanessa, pelas conversas e risadas trocadas, por nos momentos de desespero, terem se desesperado comigo e acima de tudo me apoiado, por me ajudarem a crescer e amadurecer e por serem minhas amigas de conforto, para onde sempre poderei retornar. Matheus, pelas conversas trocadas sobre Arte e pelos questionamentos mais difíceis sobre meus trabalhos. Patrick, por ser a descontração de todo o grupo e por ter trazido de presente para minha vida a Kellen, que agradeço também por toda amizade e carinho. Ao Rodrigo, por ser a inspiração de foco e constância dos últimos anos.

Agradeço as minhas “dores de cabeça” diárias, Renan e Alfredo. Ao Renan, por compartilhar a vida comigo a 10 anos, por se permitir crescer e amadurecer comigo, por me incentivar a ser uma pessoa melhor, acreditando no meu potencial e força, mais do que eu consigo acreditar. Ao Alf, apelidado carinhosamente de Alfredo, por ser meu maior amor e por ter oferecido todo apoio emocional que um pet pode oferecer, se sentando ao meu lado e levantando minha cabeça a focinhadas nos momentos de ansiedade me mostrando o caminho de volta ao mundo real e por esquentar meus pés a noite, meu companheiro fiel.

Agradeço ao Paulo Angerami e Renato Palumbo, por aceitarem ler e avaliar esse trabalho e pelos ensinamentos em sala de aula e fora dela. Ao Paulo, sempre disponível para conversar e orientar seus alunos, por ter oferecido as aulas de meditação, onde aprendi a entender e a controlar minha ansiedade, levarei para o resto da vida. Ao Palumbo, pelos momentos de troca, por compartilhar as dores e conquistas de suas pesquisas, mostrando o quanto pode ser enriquecedor e assustador.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia foi construído em forma de crônica. A crônica conta a história de Domi, uma personagem, que expõe um pouco dos seus conflitos com o trabalho, estudos e seu descobrimento pessoal. A partir dos relatos da personagem, foram desenvolvidos trabalhos artísticos, com alusão a livros de artista, para finalizar o ciclo de contos.

Palavras-Chave: Crônica; Livro de Artista;

ABSTRACT

This conclusion project in Visual Arts at the Federal University of Uberlândia, was built in the form of a chronicle. The chronicle tells the story of Domi, a character, who exposes some of her conflicts with work, studies, and her personal discovery. Based on the character's stories, artistic works were developed, alluding to artist's books, to complete the cycle of stories.

Keywords: Chronicle; Artist Book;

Lista de Figuras.

Figura 1 - Foto 3x4 representando a personagem Domi Fonte: Acervo Pessoal	13
Figura 2 Livro da Criação, 1959 - Lygia Pape. Guache sobre cartão 30,00 cm x 30,00 cm. Fonte: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14850/	42
Figura 3 Livro-Obra, 1983 - Lygia Clark. Colagem, impressão. Acetato, Barbante e papel 20,00 cm x 8, 00cm. Fonte: https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/164/livro-obra	43
Figura 4	45
Figura 5	45
Figura 6	46
Figura 7	46
Figura 8	46
Figura 9	47
Figura 10	47
Figura 11 – Figuras 4 á 11 se referem ao processo de construção do primeiro livro Vazio-Eco Fonte: Fotos do acervo pessoal	47
Figura 12	48
Figura 13 - Figuras 12 e 13 Vazio Eco, 2023, Giovanna Domenegeti. Livro de Artista; Papel 200g, papelão e papel de seda; 32x21,5cm Fonte: Acervo pessoal	48
Figura 14 - Márcia Sousa, detalhe do primeiro livro das ausências 20x25cm Fonte: SOUZA, 2009, P. 140.....	49
Figura 15	50
Figura 16	51
Figura 17	51
Figura 18	51
Figura 19 - Figuras 15 á 21 se referem ao processo de construção do segundo livro Vazio-Eco. Fonte: Acervo pessoal.....	52
Figura 20	52
Figura 21	52
Figura 22 - Vazio Eco, 2023, Giovanna Domenegeti. Instalação com livros de artista; tecido voil, encadernações de papel seda e lenços de papel 2,20m x 2,80m Fonte: Acervo pessoal.....	53

Figura 23	55
Figura 24	55
Figura 25	56
Figura 26 – Figuras 23 á 26 se referem ao processo de construção do livro O peso do conhecimento Fonte: Fotos do acervo pessoal	56
Figura 27 - O peso do conhecimento, 2023, Giovanna Domenegeti. Livro de artista; Livro e cimento; 22x16cm Fonte: Acervo pessoal	57
Figura 28 - Devaneios – Utopias, 2005, Brígida Baltar. Pó de tijolo e Resina 25 x 17 x 1 cm. Fonte: https://livrosdeartista.itaucultural.org.br/palavra_em_suspense/devaneios/.....	59
Figura 29	60
Figura 30	60
Figura 31	60
Figura 32 -Figuras 29 á 32 se referem ao processo de construção do trabalho Construção de Ansiedades	61
Figura 33 - 12 Construção de Ansiedades, 2023, Giovanna Domenegeti. Instalação de canto; argila fria; 30x30 cm Fonte: Acervo pessoal.....	62
Figura 34	64
Figura 35	64
Figura 36	65
Figura 37	65
Figura 38	65
Figura 39	66
Figura 40	66
Figura 41	67
Figura 42 -Figuras 35 á 42 se referem ao processo de construção dos livros Angústia e Medo. Fonte: Acervo pessoal	67
Figura 43	68
Figura 44 – Figuras 43 e 44 - Angústia e Medo, 2023, Giovanna Domenegeti. Livros de artista; lenço de papel, parafina e vela; 12x13cm cada. Fonte: Acervo pessoal.....	68

Sumário

1. Vazio Eco.....	14
2. Primeiros sinais de socorro	17
3. Clarão.....	19
4. O vazio retorna.....	22
5. Férias	24
6. O peso do conhecimento.....	27
7. Construção de ansiedades.....	31
8. Incontrolável.....	34
9. Medo	37
10. Desistir	39
11. O tempo retorna	41
12. Ecos do Vazio	44
13. O conhecimento pesa?.....	54
14. Construção de ansiedades.....	58
15. Angústia e medo	63
16. Considerações finais	69

“[...] Ao procurarem realizar suas potencialidades, são as próprias pessoas que saem de si para ir a encontro dos acasos. Dos seus acasos. Só seus. Não são acessíveis a mais ninguém.”
(OSTROWER, 2013, p. 26)

Prólogo da confusão.

Não sei dizer quantas vezes parei com o objetivo de escrever esse texto, tentei de diversas formas, em diversos formatos e no fim sempre apagava tudo ou perdia as anotações que fazia em diversos lugares com o objetivo de juntar depois. Por fim, me encontrei melhor na narrativa, consegui organizar melhor os pensamentos ao escrever contando algo para alguém.

Os acontecimentos aqui não seguem uma cronologia. Desenvolvi capítulos longos e capítulos que se encerram rapidamente. Deixei minha mente transitar por essas palavras a fim de encontrar o limiar entre a realidade e a ficção em minhas salas de solidão. Escolhi Domi, uma personagem para me ajudar a passar por essa experiência. Essa escrita lida com os pensamentos dessa personagem, que irá falar em primeira pessoa, em sua jornada de descobrimento pessoal e do que se passa apenas em sua cabeça. Outros personagens serão tratados de forma secundária como seus pensamentos ou nem vão aparecer por aqui.



Domi: Vendedora em shopping / Estudante de Artes Visuais

Se mudou para Uberlândia para fazer a graduação, mora sozinha, começou a trabalhar no final do curso para melhorar a qualidade de vida e se perdeu em algum momento, cedendo à pressão e "sucesso" do ambiente de trabalho, adquiriu um bloqueio para realizar o curso, além do medo de terminar e se afastar para sempre das Artes.

Figura 1 - Foto 3x4 representando a personagem Domi

Fonte: Acervo Pessoal

1. Vazio Eco

“Quando notamos um acaso significativo – e pode ser um evento em si insignificante – ele é “reconhecido” de imediato. Esse ato de reconhecimento se dá de modo direto e com uma certeza absoluta, sem hesitação, e sem etapas intermediárias de reflexão ou dedução intelectual, estabelecendo-se naquele momento uma correspondência, uma espécie de consonância com algo dentro de nós. E mais: no instante mesmo que o acaso surge em nossa atenção já o imbuímos de conteúdos existenciais, ligando-o a certos desejos e esperanças, a uma razão íntima e plenamente significativa para o nosso ser.” (OSTROWER, 2013, p.25)

Sonolenta, me dirigi a sala de aula após o almoço, procurando um pouco de silêncio. Minhas amigas me acompanham e nos sentamos largadas esperando a comida encontrar seu lugar no corpo e aguardamos o início da aula. Um tempo depois a professora chega, nos cumprimenta, liga o projetor e abre sua bolsa e percebe que esqueceu um livro, nos pede licença para buscá-lo. O projetor ligado, entra em modo de espera e no canto inferior direito da tela aparecem duas palavras, Vazio Eco.

Não sei por qual motivo, essas palavras grudam na minha cabeça, anoto no bloco de notas do celular; e volto os pensamentos para a aula.

Desde então, em momentos aleatórios, quando paro para ouvir a confusão de pensamentos que passam pela minha mente, em algum lugar elas se repetem, vazio-eco, vazio-eco, vazio eco. Nesses momentos, imagino como trazer as palavras para fora, como parar um pouco os pensamentos, então abro o bloco de anotações do celular onde escrevo as ideias que surgem. Abro as anotações constantemente, visito e revisito as ideias, altero e penso em novas possibilidades para tornar viável sua produção, mas o medo sempre fala mais alto e elas continuam lá, anotadas, sendo apenas ideias. Nunca entendi muito bem como uma ideia surge para mim, nem o porquê dessas palavras terem colado na minha cabeça, junto com os pensamentos autodepreciativos frenéticos que meu cérebro passa o tempo todo. Após uma crise de ansiedade, no momento que meu corpo se acalma um pouco, com a respiração ainda fraca, mas constante e não desesperadora, sentada, me escondendo no escuro e procurando o silêncio, quando aparece uma sensação devastadora, que corrói tudo por dentro, quando bate a sensação de que não sei quem sou, sobrando apenas os ecos das experiências desperdiçadas por um ser medíocre que não sabe o que está fazendo e gostaria de não existir, foi então que percebi.

O vazio sou eu.

2. Primeiros sinais de socorro

“Esta sequência de lembranças era repetitiva na minha cabeça. Diariamente. Incansavelmente. Uma cascata ininterrupta. Um pensamento que levava a outro e trazia outros, e outros, me levando para um buraco cujo fundo podia sempre ir além”
(PORTELA, 2022, p.169*.)

Saio do trabalho correndo para chegar em casa em segurança e o mais cedo possível. Entro em casa, brinco um pouco com meu cachorro e me dirijo para o banho. Quando o corpo descansa, o cérebro inicia o seu trabalho. Todos os pensamentos que mantive distantes se ocupando com a maior carga possível de trabalho e horas extras, aparecem. A cabeça coloca na sua "estação predileta" a dos "pensamentos incessantes e autodepreciativos". Bem-vindos! Aqui podemos ver todos os erros que cometi, dos pequenos aos grandes. Também podemos vivenciar novamente meus medos e vergonhas. e Dar novas migalhas para a sensação de incapacidade e insignificância. Me esforço para manter tudo longe, perco, os olhos começam a arder, o ar começa a faltar, as palavras pesadas presas no corpo fazem o estômago revirar. O corpo vive em modo automático na maior parte do tempo, se esquecendo do que fez, mas em algum momento, sozinha, ele retorna a si mesmo, então a crise se instala e o choro parece inacabável. De qualquer forma, tudo tem um fim, o corpo já não aguenta mais e se aquieta, ouve o silêncio. Ao quarto escuro retorna e tenta absorver um pouco de calma. Tudo dói, já é tarde da noite, Domi não lembra se comeu, apenas se deita e deixa o cansaço levar. No outro dia, não acorda com o despertador, apenas desliga sem perceber, se levanta em cima da hora de sair pra trabalhar novamente, se arruma correndo e vai, perdeu mais uma vez o planejamento de organizar a vida fora do trabalho e estudar, mais uma vez provou que os pensamentos noturnos têm razão, é apenas um corpo inútil perdido por aí. E de correria em correria, de despertador perdido em despertador perdido, de crises em crises, os dias se passaram e assim perdi um ano inteiro, sem perceber, sem saber o que fiz e o que vivi.

3. Clarão

“A consciência definitivamente não é um amanhecer. É luz elétrica encanada até um interruptor. Passa-se do escuro ao claro sem nuances.” (MADEIRA, 2021, p. 107*.)

Tive que me obrigar a tomar consciência, me obrigar a reviver o tempo perdido para entender e aceitar que precisava de ajuda. Não é tarefa fácil, domar os próprios pensamentos, perceber que não me reconheço mais, que não sei o que fiz e nem o que pretendo fazer, que perdi a vontade.

Vivi no automático por muito tempo e agora noto apenas grandes vazios nas lembranças. Tenho lembranças de acontecimentos falsos. Não consigo acompanhar conversas, não consigo me concentrar em coisas novas ou antigas, me perdi em algum momento e não consigo descobrir em qual deles.

A ajuda psicológica entrou aqui, em segredo, para que minha família não exercesse a certeza que tem de que pessoas que precisam de apoio psicológico são loucas. Segredo fácil de manter, já que moro sozinha e em outra cidade. Durante o tratamento psicológico, descubro que tenho, o que chamo inicialmente de "apagões", momentos em que meu corpo assume o automático e minha mente divaga. É como se eu estivesse vivendo em dois mundos ao mesmo tempo, o real e o da minha mente, e eles se misturam de uma forma confusa, bagunçando minhas memórias. Durante as sessões, a psicóloga me ajudou a entender que esses apagões poderiam ser causados pela ansiedade que sentia em relação às atividades cotidianas. Exploramos juntas as possíveis razões por trás desses episódios e discutimos maneiras de lidar com eles.

Me sinto frustrada por não conseguir concluir o curso e dedicar tempo suficiente à escrita do trabalho final. Me sinto presa num trabalho que não gosto, mas que é necessário. A cada apagão, sinto que minhas ideias existem apenas na minha mente e nunca vou conseguir fazer elas se tornarem reais. A sensação de sufocamento vem sempre nesses momentos, quando penso que ao terminar o curso, não serei mais capaz de criar, ficando presa para sempre na minha cabeça e no meu trabalho.

Os apagões começam a se manifestar de maneiras diferentes. As memórias que simplesmente sumiam, dão lugares a experiências que nunca vivi e outras que seriam impossíveis de viver. Começo a visitar locais em minha mente, onde guardei minhas ideias, os projetos que tenho anotados. Sinto uma mistura de sonho e realidade, onde vivencio situações cotidianas e, de alguma forma, minhas ideias. Muitas vezes, não consigo mais distinguir o que é real do que foi criado por minha mente, por mais inimaginável que a situação possa ser. Os apagões costumam se manifestar em momentos que desejo estar

sozinha, como fuga para não viver situações cotidianas, para confundir minhas memórias, e assim, visito as "salas de solidão".

Infelizmente, devido a conflitos de horário, as sessões com a psicóloga precisaram ser interrompidas, antes que pudéssemos prosseguir com essas reflexões. Restando apenas a sensação de que é impossível, concluir a faculdade, me dar bem no trabalho, continuar a viver. Apresento um pouco minhas salas de solidão.

Apresento um pouco das minhas salas de solidão.

4. O vazio retorna

Ao me arrumar para o trabalho, brigava comigo mesma, o corpo não relaxava e precisaria tomar coragem para pedir alguns dias de férias para me concentrar na produção dos trabalhos da faculdade. Sai de casa, coloquei os fones e comecei a andar, pensando em como pediria os dias que eram meu direito e que estavam atrasados, pois nunca podiam ser tirados, sempre faltava alguém no setor que eu deveria ajudar a cobrir, ou eram meses de grande movimento e não poderia faltar ninguém, ou...

"Estava abrindo a porta de algum lugar. Quando entrei, a luz forte me deixou atordoada. Era um lugar branco e vazio. Dei alguns passos incertos, tentando entender onde estava. Conforme meus olhos foram se ajustando, percebi alguns leves relevos nas paredes. Me dirigi até um e toquei com certo receio. Percebi que era uma espécie de livro, colado a parede. Olhei para o restante do cômodo, todos os relevos se pareciam pequenos livros. Comecei a folhear o que toquei para ver se encontrava alguma resposta de onde estava. Nada, todas as páginas estavam em branco, algumas com sinais de borracha, não continham nenhuma informação, além da capa que ao abrir mostrava a palavra, VAZIO. Comecei a folhear outros, uma sensação de desespero crescente veio subindo pela garganta, como se estivesse me sufocando. Tentei chamar alguém, apenas o eco retornou, nenhum dos livros continha informações, apenas várias folhas em branco, o desespero tomou conta do meu corpo, me sentei no meio do cômodo, que começava a parecer cada vez apertado. Não se lembrava de ser apertado assim no começo, ou era? Olhava as paredes tentando entender onde estava, o que tinha acontecido e agarrada aos seus joelhos e começou a pensar se sentia como o cômodo: vazia, sem sentido, sem informações para contribuir, era apenas um eco das coisas. que era e Estava com muito medo por não entender. Então apertou os olhos para pensar melhor e se esconder do medo"

Quando abri os olhos, estava abrindo a porta do banheiro do trabalho. A sensação de sufocamento permanecia, a garganta ainda apertada, parecia não conseguir falar. Foi quando se lembrou que havia saído de casa para trabalhar, mas não se lembrava do caminho, devia ter feito no modo automático e a mente divagou, aquilo só poderia ter sido um sonho, não fazia sentido, guardou suas coisas no armário e saiu do banheiro para cumprir o dia de trabalho.

5. Férias

Após um tempo trabalhando, tomou coragem e foi conversar com seu gerente sobre as férias, bateu na porta de seu escritório e aguardou. Era um cara gentil e animado, na maior parte do tempo, mas quando se tratava do lucro da empresa, ele ficava sério e se fechava em seus pensamentos. Pedir férias afetava o lucro da empresa que estava com a equipe reduzida, mas já tinha adiado isso a mais de seis meses. Sempre ouvindo que precisaria esperar a equipe se estabilizar, fazia várias horas extras para suprir a falta de outras pessoas e ajudar nessa estabilidade que nunca chegava. Ouvindo elogios pela dedicação, ia perder a faculdade por não conseguir encontrar tempo para as atividades e estar sempre esgotada do trabalho. Não visitava minha família a quase um ano, não via meus amigos e sempre ouvindo que tinha que ser grata por ter sido promovida, que estava ganhando e aprendendo mais. e por isso Estava deixando tudo para trás. Renunciava aos fins de semana, feriados, amizades, família, saúde, tudo por um salário que pagava meu aluguel, minhas contas e me deixava viver de maneira confortável, apesar de roubar todo o meu tempo. Enquanto estava perdida em meus pensamentos a porta se abriu, meu gerente sorriu:

- Que bom te ver, como posso te ajudar?

Respirei e tomei coragem:

- Oi, sei que não é a melhor hora e que a equipe ainda não se completou, mas precisava conversar com você sobre minhas férias.

Seu rosto se fechou como imaginado, se moveu da entrada da porta abrindo espaço para que eu entrasse e abriu o braço apontando a cadeira em frente a sua mesa. Me sentei ali e esperei para ouvir a mesma coisa de sempre: que deveria aguardar um pouco mais pelo bem da empresa, que era um momento bom para minha comissão, já que não tinha concorrência de outros vendedores e que eu perderia dinheiro saindo nesse momento. Após ouvir todas as alegações sobre o quão melhor era aguardar, me pronunciei sobre realmente precisar das férias. Estava cansada e era extremamente necessário para me concentrar na faculdade. Sempre que falava dos estudos, o ar de importância aumentava, sucessivamente vindo com a promessa de: "Vamos ver, os estudos são mais importantes que o trabalho e o dinheiro, vamos ver se conseguimos te deixar descansar". Aí por uma semana eu não era requisitada para as horas extras e a carga de tarefas diminuía levemente, mas não durava mais que isso. Ouvi tudo novamente e o encarei séria, não sairia dali novamente com apenas promessas, ele se mexeu na cadeira e desviou o olhar para o computador.

-Certo, vou olhar qual mês podemos marcar suas férias.

Respirei, aliviada, ia conseguir. Após um tempo clicando e respirando fundo meu gerente disse que conseguiria marcar apenas para outubro, que entendia minha urgência, mas existiam certos requisitos a serem cumpridos. Concordei, estávamos em abril, não era o ideal, ia perder o semestre que estava, perder o progresso atual, mas poderia entrar no próximo semestre com esperança de ter o tempo disponível para me dedicar e entregar um trabalho decente. Que eu pudesse me orgulhar de ter realizado com o meu máximo e não com o ser cansado que era atualmente. Agradei, apertei sua mão e sai entre o alívio e angústia, alívio por ter conseguido finalmente marcar minhas férias e angústia por ter que decepcionar minha orientadora mais uma vez, com a notícia de que não conseguiria terminar a tempo de apresentar. Pensando nisso, o alívio desapareceu, tinha falhado novamente, meu corpo reagiu, meu estômago ficou ruim, corri para o banheiro, vomitar escondido após um momento de estresse, não era novidade.

6. O peso do conhecimento

Por vários dias não tive coragem, chegava em casa e já me escondia no quarto, com os pensamentos correndo soltos pela minha cabeça, pensava em como contar que havia fracassado novamente e então, todos os outros fracassos retornavam com força me derrubando.

O tempo passava correndo e eu não podia evitar mais. Enquanto olhava para o celular uma mensagem apareceu: era minha orientadora, preocupada com meu sumiço e com as datas de entrega que se aproximavam. Já não dava mais para fugir, contei para ela que não conseguiria novamente. Me senti realmente fracassada, um projeto de adulto que não conseguia se dar bem na vida, mas apesar do fracasso e da impossibilidade de conseguir fazer qualquer coisa, minha orientadora queria me ver, ver como eu estava e conversar sobre como poderíamos proceder para não perdemos nosso progresso. Concordei com o encontro, mas novamente com medo de enfrentar meu próprio desastre e expô-lo para alguém. Como refúgio voltei a ler, tanto os livros de ficção que me aliviam do mundo real, quanto os livros acadêmicos em busca de inspiração para melhorar meu trabalho atual, para não chegar de mãos vazias novamente, mas desta vez, cada conhecimento novo que me aparecia, cada anotação que fazia sobre termos que deveria pesquisar, de ideias que surgiram, de novas pessoas que deveria conhecer as pesquisas, cada novidade eu sentia uma facada, um choque, um desconforto, o tempo estava contra mim e pesquisar coisas novas não parecia se encaixar no tempo que eu tinha. Não conhecer essas coisas estava me atolando, eu me sentia burra, me sentia incapaz, eu já deveria saber muitas dessas coisas para conseguir escrever algo decente, algo que valesse o tempo de leitura das outras pessoas e a cada conhecimento que eu não tinha, eu me sentia atolada.

Chegou o dia que havia marcado com minha orientadora, sentia meus movimentos pesados, não parecia conseguir controlar meu próprio corpo, me sentia desconfortável, talvez estivesse ficando gripada, resolvi tomar um remédio e me deitar um pouco, sentei-me na cama e senti a cabeça girar, fechei os olhos e me deitei devagar para não sentir a tontura novamente.

"Quando abri os olhos, estava deitada na cama, olhando pro teto, mas o teto do meu quarto era branco e aquilo que estava acima de mim era preto, também não parecia teto, parecia algo flutuando, eu ainda devia estar tonta, virei a cabeça devagar e o quarto estava vazio, me apavorei, sem entender o que estava acontecendo. Fiquei olhando para o lado por muito tempo esperando os móveis aparecerem novamente em seus lugares, eu devia estar sem óculos e enxergando embaçado por conta da tontura, nada voltava e meu estômago revirava dentro de mim, de repente senti que estava deitada no chão e não na cama, tudo parecia errado, olhei para cima correndo pretendendo me sentar e então a coisa preta no teto balançou um pouco e começaram a cair coisas em minha direção, gritei com medo e protegi o rosto, sem conseguir me levantar e

esperei a dor chegar, nada aconteceu, desci meus braços devagar me sentindo presa e olhei, acima de mim flutuavam livros presos aquela coisa preta no teto. Os livros que havia lido nos últimos tempos estavam lá, prontos para caírem em cima de mim e eu estava presa embaixo deles. Estava desesperada com medo de ser soterrada e por não conseguir me mover, fiquei um tempo olhando aqueles livros prestes a cair de vez. O medo foi dando espaço para uma leve admiração. Aquela situação, tudo flutuando acima de mim, se parecendo com um céu de livros, estendi a mão e puxei um dos que estava mais perto, era uma das minhas últimas leituras, que havia me prendido e me feito esquecer do mundo por um tempo. O medo ainda permanecia por ali, no meio dos sentimentos, aquilo parecia poder desabar a qualquer momento. Senti minha consciência se desprender e comecei a enxergar o ambiente todo. Me vi deitada, minúscula naquele lugar. Acima de mim estava aquela coisa presa ao teto, vendo lembrando agora de cima, se parecia com um daqueles chapéus de formatura e dele caíam os livros. Tudo parecia pronto para me esmagar. Senti o corpo paralisado tremer, apertei os olhos novamente para fugir e rezei, para quem pudesse me salvar"

Abri os olhos devagar, senti que tinha dormido sem querer após me deitar. Olhei o celular correndo com medo de ter dormido demais e me atrasado para encontrar minha orientadora, mas ainda estava cedo, a sensação de dormência no corpo permanecia, levantei tentando entender o que tinha acontecido comigo e empurrando a sensação ruim de estar esquecendo algo importante.

Me arrumei e fui para a biblioteca, local marcado para a orientação. Procurei onde minha orientadora estava sentada e me dirigi até lá, cumprimentando-a e me sentando em sua frente. Conversamos sobre tudo o que estava acontecendo comigo, sobre como pretendia seguir com meu trabalho e então comentei, que estava sentindo um peso muito grande, não parecia ter conhecimento suficiente para escrever algo relevante e que enquanto eu lia e escrevia, eu sentia que precisava de muito mais, muito mais pesquisas, muito mais livros e muito mais conhecimento e discernimento sobre tudo e que isso me dava uma sensação de esmagamento enorme. E enquanto falava isso, senti meu corpo ficar pesado novamente e a tontura chegar, apertei os olhos e me vi novamente deitada embaixo dos livros, arregalei os olhos com medo de ser levada pra lá na frente de alguém e vi o olhar de preocupação da minha orientadora, ela estava se levantando e dando a volta na mesa para me alcançar.

- Domi, tudo bem? Você está ficando sem cor, parece que sua pressão caiu, vou buscar uma água para você, me espere aqui.

Um tempo depois senti uma mão tocar meu ombro e um copo de água surgiu na minha frente, bebi devagar e com vergonha, vergonha de alguém ter

presenciado um lado da minha loucura. Insisti que havia melhorado, pedi desculpas e voltamos a conversar. Contei que queria fazer um trabalho onde livros ou folhas caiam de um capelo. Que havia imaginado o trabalho em grande formato, onde as pessoas pudessem se deitar em baixo e olhar o trabalho, mas que sabia que precisaria diminuir para conseguir realizar dentro das minhas possibilidades de espaço e materiais. Minha orientadora ficou muito animada de ver que eu estava me soltando e contando sobre minhas ideias, que estava voltando a ter vontade de produzir e me incentivou como sempre fazia. Combinamos de nos encontrar mais para conversar e me despedi vendo nela um olhar de esperança, ao ver que apesar do que eu considerava mais fracasso, ela ainda não tinha desistido e eu estava tendo novas ideias.

Mas no fundo, eu estava apenas com medo.

7. Construção de ansiedades

“Ser boa numa coisa e passar a ganhar um salário considerado justo por isso roubou a minha noção de felicidade.”
(PORTELA, 2022, p. 258*)

O mês das férias estava chegando. Estava me dedicando ao máximo no trabalho e montando um planejamento para os próximos dias. Já havia voltado a escrever o trabalho de conclusão do curso e pretendia produzir a parte prática no período das férias, enquanto melhorava a escrita. A confiança de que conseguiria, enfim terminar, tinha se instalado e me sentia calma. As semanas foram passando e tudo parecia fluir bem. Na última semana de setembro recebi uma mensagem. Era um convite para uma reunião. Acreditei que poderia ser referente ao planejamento do setor para que eu pudesse entrar de férias. No horário marcado, pedi licença a alguns clientes e fui para a sala do gerente. Chegando lá encontrei alguns colegas e supervisores já sentados aguardando. A sala estava apertada com mais cadeiras que o habitual. Me sentei em um lugar disponível, após um tempo, o gerente nos olhou e começou:

-Boa tarde pessoal, chamei vocês aqui para comunicar as novidades da empresa e as mudanças que irão ocorrer nos próximos dias.

Escutei toda a reunião aérea. Nosso gerente estava sendo transferido para outra cidade. Ele havia escolhido uma das supervisoras para assumir o cargo de gerência e todos os outros que estavam na reunião, assumiriam novos cargos de supervisão. Tentava entender as emoções que se passavam dentro de mim. Eu estava sendo promovida novamente, dessa vez a um cargo de supervisão. A proposta era irrecusável, eu deveria estar me sentindo agradecida, valorizada, mas só sentia uma sensação de desespero. Novamente um buraco dentro de mim, essa promoção nesse momento só significava uma coisa, eu não poderia mais tirar as férias por agora...

“Estava novamente na sala branca, a luz não estava tão clara dessa vez. Procurei os livros em branco e não os vi. Olhei para o teto com receio de ver livros caindo novamente e nada. Andei um pouco pela sala respirando fundo e logo em um dos cantos apareceram objetos parecidos com tijolos. Alguns pareciam já estar presos na parede e outros jogados, amontoados no chão. Me aproximei devagar, peguei um para analisar, senti um relevo no canto, passei os dedos e ajustei os olhos para tentar enxergar melhor. Parece que eu sempre esquecia os óculos nessas situações. Nunca enxergava com clareza. No canto desse objeto, consegui ler a partir do relevo a palavra “trabalho”. Olhei os outros e cada um trazia uma palavra: dinheiro, tempo, falta, estudos, medo,

casa, amigos, cuidado, culpa, insignificância, insuficiência. As palavras se repetiam algumas vezes e parecia que alguém tentava preencher os cantos da parede com esses tijolos. Como uma construção das coisas que me causavam ansiedade. Comecei a ouvir meu nome ser chamado de algum lugar: “Domi”, “Domi”. Senti meu corpo flutuar para fora da sala. Olhando de cima, a sala vazia, vi o tijolo que estava na minha mão ser colocado por mãos invisíveis, ao lado de um que já estava encaixado na parede, com a palavra medo”

-DOMI

Estava sendo levemente sacudida por uma amiga que também havia sido promovida. Estava no banheiro. Sentia o rosto molhado pelas lágrimas e lutei para colocar minha cabeça no lugar. Entre soluços, perguntei o que havia acontecido e ela me disse que agradecei a promoção, abracei a todos, conversei um pouco e pedi licença logo em seguida. Ela me procurou um tempo depois para saber o que tinha acontecido e me encontrou aos prantos, respirando de forma cortada. Ela estava muito preocupada e queria chamar os socorristas do shopping. Engoli tudo rapidamente. Não queria que mais ninguém ficasse sabendo. Pedi para que ela se acalmasse. Que era algo normal, mas que nunca havia acontecido fora de casa. Ela também sofria muito com ansiedade e entendeu minimamente. Conversamos um pouco sobre nossos medos com as novas responsabilidades e me senti mais calma para voltar a trabalhar antes que mais alguém pudesse nos procurar e me ver assim. Disse que estava bem e que logo sairia. Ela disse para chamar se precisasse e saiu. Apesar de conversar e constarmos um pouco sobre nossas ansiedades, não contei que estava visitando outro lugar em minha mente. Lavei meu rosto, e como era a segunda vez que eu tinha perdido um pouco do controle fora de casa, decidi que era a hora de procurar um psiquiatra.

No outro dia meu gerente me chamou para conversar. Perguntou se estava me sentindo bem mesmo e que tinha notado que eu não havia ficado tão feliz assim com a promoção. Questionou diversas vezes se eu aceitava mesmo o novo cargo e demonstrou preocupação. Controlei as emoções e me esforcei para transparecer tranquilidade. Conversando com os outros colegas de trabalho, descobri que nosso gerente havia comentado que tinha medo de me promover, pois eu era a única que ainda não tinha tido experiência com supervisão e que ele me achava com pouco controle emocional. O que me deu mais um motivo para parar de fugir da medicação para ansiedade.

Entendi um pouco do que a sala queria me mostrar, era a construção que eu estava fazendo em minha cabeça com as coisas que me causavam ansiedade, tijolo por tijolo eu ficava mais perto das crises.

No mesmo dia, liguei para um psiquiatra e marquei uma consulta, que demoraria algumas semanas.

8. Incontrolável

“Aparentemente, de vez em quando os adultos têm tempo de sentar e contemplar o desastre que é a vida deles. Então se lamentam sem compreender e, como moscas que sempre batem na mesma vidraça, se agitam, sofrem, definham, se deprimem e se interrogam sobre a engrenagem que os levou ali aonde não queriam ir.” (BARBERY, 2008, P. 11)

Comecei o treinamento para o novo cargo e me esforçava para não pensar em tudo que eu continuava perdendo fora dali. Minha cabeça não parava. Guardava tudo bem fundo e sorria. Estava emagrecendo. Acordava para apenas trabalhar, lidar com a pressão das novidades. Não conseguia realizar tarefas básicas em casa, muito menos completar os estudos, enterrar todos os receios e medos. Tudo isso se juntava em um bolo na garganta e começava a impedir a comida de passar pela boca.

Com os fones de ouvido e anotando os novos comandos do sistema que precisaria usar, senti alguém se aproximar rapidamente. Devia ser um cliente em busca de atendimento. Retirei um dos fones e sorri. Me assustei com uma mão batendo forte na mesa que estava. O homem que havia chegado, apontava o dedo na minha cara e gritava que havia entrado com um processo contra a empresa, mas que como nada era resolvido, ele veio resolver pessoalmente, que estava pronto para matar todos que haviam dado um prazo que não foi cumprido e principalmente eu, a vendedora dos seus produtos. No meio dessa gritaria me levantei devagar, tentei acalmar o cliente e entender o que estava acontecendo. Pedi desculpas em nome da empresa e tentei conversar no meio das ameaças. Logo o moço que trabalhava no estoque chegou e se colocou ao meu lado e começou a tentar acalmar o cliente também. Ao ver mais uma pessoa chegar, o cliente jogou uma das cadeiras para o lado e socou a mesa que ainda nos separava. Continuava gritando que se seu produto não fosse entregue naquele momento, que mataria todos nós. Os guardas do shopping entraram momentos depois. O cliente abaixou o tom ao vê-los, eles conversaram e saíram juntos com o cliente prometendo voltar logo. Sentia meu corpo todo tremer, a respiração começou a falhar, as lágrimas escorrendo, só queria me esconder para que ninguém visse. Comecei a andar rápido para longe de tudo. Passei pelo meu gerente que estava chegando do almoço e ele vendo meu desespero, me segurou. Não consegui conter e desabei ali mesmo, tremendo muito, os socorristas do shopping vieram em seguida, chamados por alguém que viu a situação, mediram minha pressão e verificaram que estava muito baixa, pediram para eu me sentar e foram fazendo exercícios de respiração para que eu me acalmasse. A vergonha tomava conta de mim. Já pensavam que eu não tinha controle emocional e

agora que quase todos me viram assim? Nos próximos dias ouvi os cochichos, sobre como minha promoção era precipitada e que eu não aguentaria, apesar de ser qualificada.

Fui afastada por 10 dias para “descansar”. O medo tomava conta de mim. Tinha certeza de que perderia o emprego. Eu já não me encontrava mais naquele lugar. De todas as coisas na minha vida, o emprego era a única onde eu parecia evoluir, se eu o perdesse, além de mais um fracasso para a conta, não conseguiria pagar minhas contas. O looping de pensamentos era imparável. “Uma solidão profunda. Um mundo pavorosamente escuro. Uma vontade tão grande e tão materializada de nunca mais levantar da cama. De não comer, de não beber, de não respirar. De nunca mais abrir os olhos. Até que chegou o dia.” (PORTELA, 2022, p.357)

Nesse meio tempo, chegou o dia da minha consulta com o psiquiatra. Havia feito uma lista de tudo que gostaria de falar, tudo que sentia, das perdas de memória, das misturas de lembranças, das crises. Estava apática, achava que não conseguia mais chorar. Me sentia seca depois dos últimos dias que fiquei apenas deitada na cama, chorando. Quando me sentei em sua frente e comecei a falar, só conseguia chorar e chorar. Mostrei minha lista e pedia desculpas o tempo todo. Ele sorria e dizia que era natural o choro. Me passou dois remédios, para ansiedade e depressão, deu algumas caixas de amostras para que já iniciasse a medicação.

Voltei a trabalhar. Após alguns meses com a medicação me sentia apática. Não tinha vontade de realizar nenhuma tarefa, sentia dificuldade para comer e continuava apenas cumprindo minhas obrigações no trabalho para pagar as contas. Minhas olheiras aumentaram e a perda de peso foi drástica. Era o suficiente para ouvir diversos elogios sobre minha postura calma e o corpo magro. Ninguém me questionava sobre estar doente.

Assim continuei e o tempo passou sem ser percebido mais uma vez.

9. Medo

Apesar de não querer perder o emprego, percebia o quanto estava me fazendo mal. Essa percepção acarretava uma série de pensamentos sobre minhas prioridades e desejos. Um deles como venho dizendo aqui, terminar a faculdade. Porém, entregar o trabalho final do curso parecia ser um adeus definitivo a arte e um mergulho profundo no meu emprego. O curso era, de certa forma, minha âncora, me ajudava a lembrar que eu era mais do que apenas um fantoche que se levantava todos os dias em busca de dinheiro e retornava para casa vazia. Que eu poderia ser mais, que eu poderia ter vontades e não apenas necessidades.

Eu tinha medo, medo de tudo, medo de perder o emprego, medo de não ser suficiente, medo de entregar o trabalho final, medo de não conseguir entregar esse trabalho e perder a faculdade, medo de não me encontrar em nenhum outro lugar, medo de não me recuperar, medo de continuar apática para sempre.

“Me encontrava na sala branca novamente, depois de um tempo já conseguia saber que estava presa em algum pensamento, mas a sensação de angústia sempre permanecia. O que eu veria dessa vez? E após o retorno, sempre pensava ter vivido de verdade tudo que se passou ali. Apesar da loucura, a sensação de conhecer e tocar em tudo que aparecia aqui era real. Me sentei no meio da sala e aguardei o que poderia ser dessa vez. Olhei para as paredes, tetos, chão e o vazio permanecia. Comecei a pensar novamente nos meus medos e então um livro em branco apareceu. Suas páginas eram levemente banhadas em parafina. Quando vi, tinha uma espécie de agulha na mão, comecei a escrever todos meus medos e angústias, coloquei o livro novamente no chão a minha frente e de repente ele se acendeu, suas páginas começaram a queimar e a se derreter, pensei o que sobraria desse livro, sozinho no meio da sala vazia, derretendo, ele era feito das angústias que vivi. Será que elas seriam libertadas após isso? Nunca conseguiria me livrar de tudo, mas desejava que ficasse apenas o calor das experiências e não o peso da angústia”

Quando voltei a percepção do mundo real, estava novamente no caminho do trabalho. Eu fazia o caminho de ida sempre de forma apressada e mecânica e parecia que isso ajudava a me transportar para a sala da solidão. Ao despregar minha consciência do mundo real e deixar o corpo agir sozinho, o medo e a angústia sempre voltavam nessas horas. Ficava imaginando como tinha atravessado as ruas, se tinha cometido algum erro. Na cabeça sempre parecia ter um vazio onde deveriam estar as memórias.

10. Desistir

Eu me recusava a deixar do emprego e fazendo isso estava abandonando de forma involuntária a faculdade. Os confrontos com meus pensamentos continuavam constantes para que eu tomasse a decisão definitiva de como prosseguir. Todos os dias desejava do fundo do meu ser, que algo diferente acontecesse, que surgisse uma luz ou que eu tivesse coragem e pedisse demissão, depois desistia e mais uma vez, o tempo foi passando sem mudanças.

Dizem que atraímos o que pensamos. Desejei com tanta força a demissão, que algo mudasse na minha rotina, que alguns meses depois de ser promovida chegou um aviso, a empresa estava com problemas financeiros e a equipe sofreria cortes. Ao ouvir isso meu coração disparou, eu não precisaria desistir, era a mais inexperiente no cargo e tinha certeza que faria parte desses cortes, porém não aconteceu, continuei apenas desejando. E de desejo em desejo, já sentia que perderia para sempre a oportunidade de terminar a faculdade, que desperdiçaria os anos que passei lá, então outro anúncio chegou, a empresa fecharia.

É estranho, quando desejamos demais uma coisa e ela acontece, de forma inesperada. Não pude deixar de me culpar por ter desejado tanto uma mudança e agora todos que conhecia perderiam o emprego. O clima de desespero e medo dominou o local de trabalho. Todos em busca de notícias de quando e como iria acontecer. A liquidação começou e todos os dias éramos engolidos pelos clientes insanos pelas oportunidades. Foram dias sem conseguir respirar direito entre o medo do futuro e o sufocamento das responsabilidades, a correria e a falta de tempo aumentada, o suporte aos sentimentos da equipe e o desespero dos clientes e bem ali escondida no canto, com vergonha de existir, a felicidade de me sentir libertada.

Eu poderia finalmente, nos últimos segundos disponíveis para realizar esse feito, focar em finalizar o curso.

Então aqui encerro o ciclo de confusão e dou início as reflexões das produções.

11. O tempo retorna

Com o desejado tempo disponível novamente, comecei a me organizar sobre o que poderia fazer.

Ao pensar em trazer uma parte das minhas salas de solidão para fora, por meio de trabalhos artísticos, comecei a refletir mais sobre elas e o porquê de geralmente ter o livro como parte dessas experiências.

Os livros literários sempre fizeram parte do meu dia a dia, me ajudando a escapar da realidade e conhecer coisas novas. Conheci em uma das aulas da faculdade a possibilidade de tornar o livro em um objeto artístico e então os livros se tornaram um dos meus pontos de interrogação, a constante intriga de ser um objeto obsoleto, ameaçado várias vezes pelas novas tecnologias que surgiam e ainda surgem, e ainda assim poder guardar um sentimento de novidade, de descoberta, o que uma capa pode revelar ao ser aberta, folhas vazias para uma nova criação ou uma história sendo contada.

Apesar de conseguir ter o mesmo conteúdo virtualmente, tenho a necessidade em sentir e ver a materialidade do objeto, para, de fato me sentir acolhida pela história que ele tem para contar ou pela história que posso criar a partir dele. Os livros na minha percepção inicial se situam na arte passando do tridimensional ao bidimensional, livros ao serem produzidos são artesanais e escultóricos, ligados ao tridimensional, mas podem ser produzidos para abrigar produções bidimensionais, desenhos, pinturas, escrita e podem se tornar performáticos no sentido de que podem ser usados como meio de sensações.

Como o Livro da Criação de Lygia Pape, que solicita o toque e interação do interlocutor.

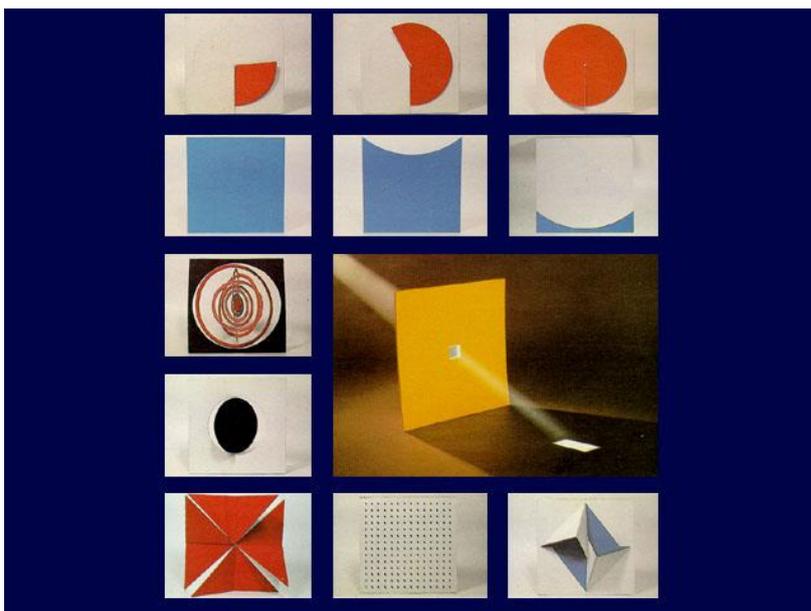


Figura 2 Livro da Criação, 1959 - Lygia Pape. Guache sobre cartão 30,00 cm x 30,00 cm. Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14850/>

Ou o Livro-Obra de Lygia Clark, que também solicita a interação.

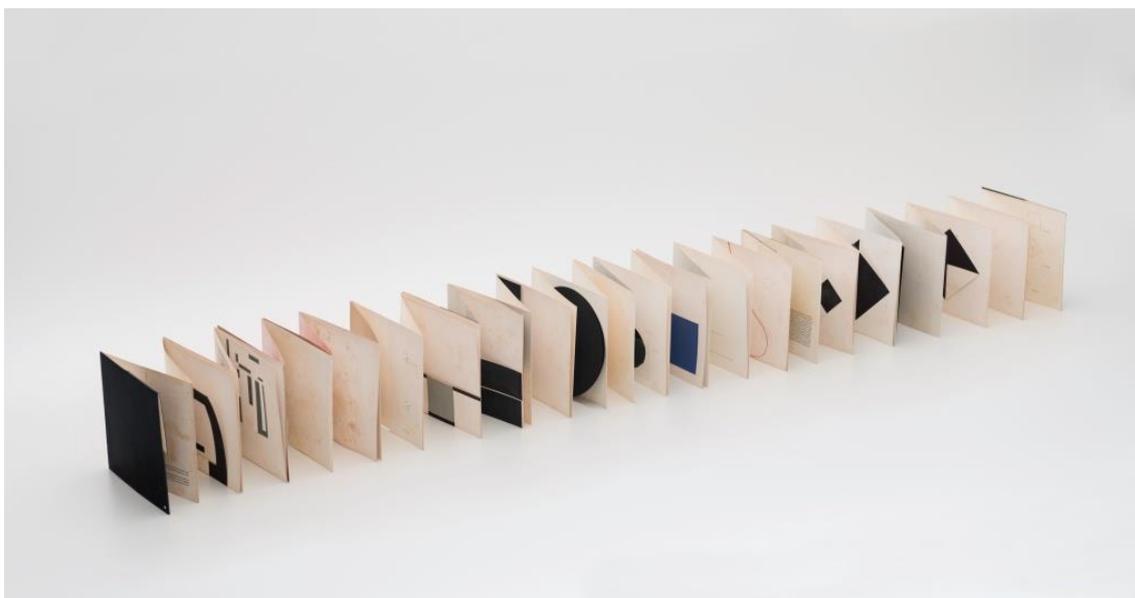


Figura 3 Livro-Obra, 1983 - Lygia Clark. Colagem, impressão. Acetato, Barbante e papel 20,00 cm x 8, 00cm.
Fonte: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/164/livro-obra>

A literatura é um dos meus escapes, o livro é um dos meus objetos de conforto, um dos meus esconderijos seguros e pensando assim, consigo dar um caminho para os livros que me confrontam na sala de solidão, tornei o objeto livro um meio de lutar contra minhas ansiedades.

Ao iniciar a produção, me deparei com a luta das minhas expectativas com o que conseguiria trazer para a realidade. Seria impossível tirar as salas da solidão da minha cabeça e trazer para o mundo real da mesma forma que as vivencio. Então, a partir dos sentimentos que tive, comecei a pensar as possibilidades de trazer um pouco dessas sensações e de alguma forma aos livros na produção de trabalhos artísticos.

12. Ecos do Vazio

O vazio que senti ao adentrar a sala de solidão com livros em branco nas “paredes” é um vazio recheado de ecos, ecos dos sentimentos que tentava manter escondidos para não admitir os sentimentos que me abatiam, ecos das memórias que tenho e das que se esvaneceram, ecos das experiências de vida que se distorcem nos momentos de desespero, o vazio existencial.

Seguindo esses pensamentos, procurei materiais e formas que me retornassem os sentimentos que tive, surgiu então o primeiro vazio/eco, livro onde costurei folhas para formar um caderno, escrevi no centro de suas páginas, pensamentos que tento manter longe nos momentos de crise, recortei esses escritos, deixando um vazio nas páginas, um buraco no centro do caderno, que inicialmente era pequeno e foi aumentando, sempre que minha mão escorregava um pouco ao passar o estilete e depois para conseguir abrigar o pacote de ecos, os escritos recortados, foram amontoados em um pacotinho feito com papel seda, e colocados na última página do caderno para representar os ecos que retornam no vazio.

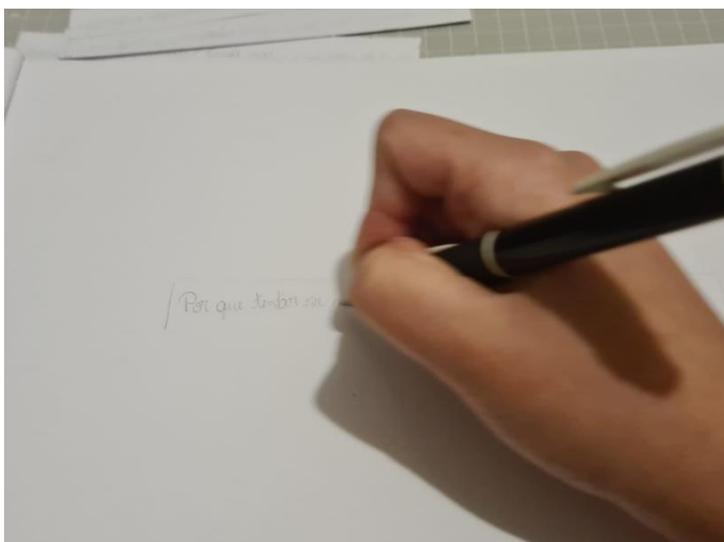


Figura 4



Figura 5

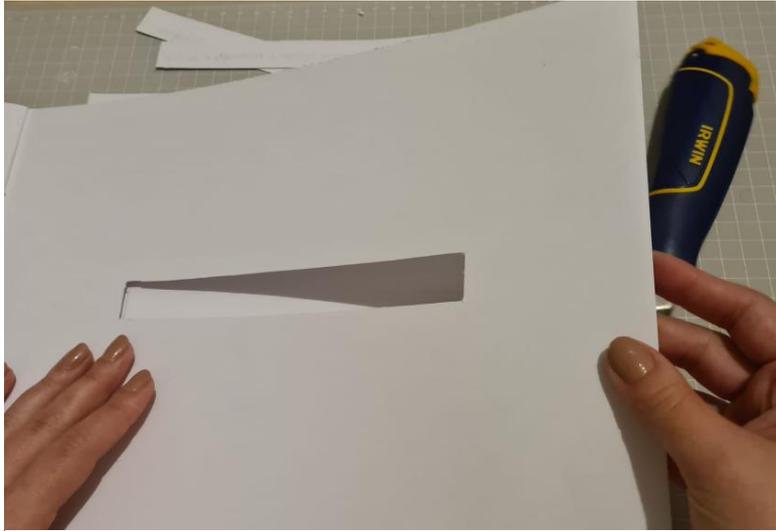


Figura 6

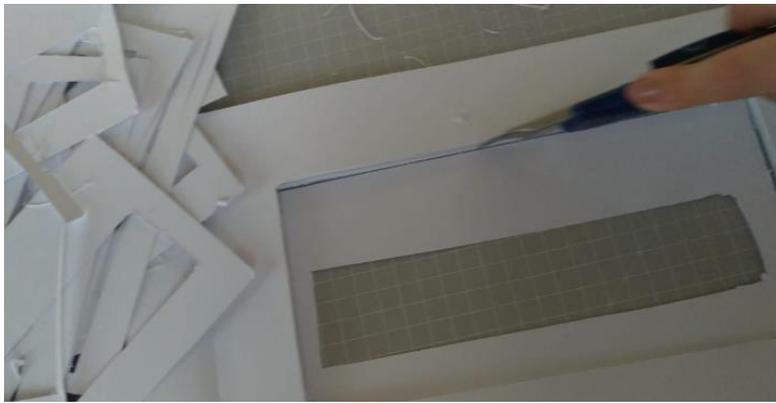


Figura 8

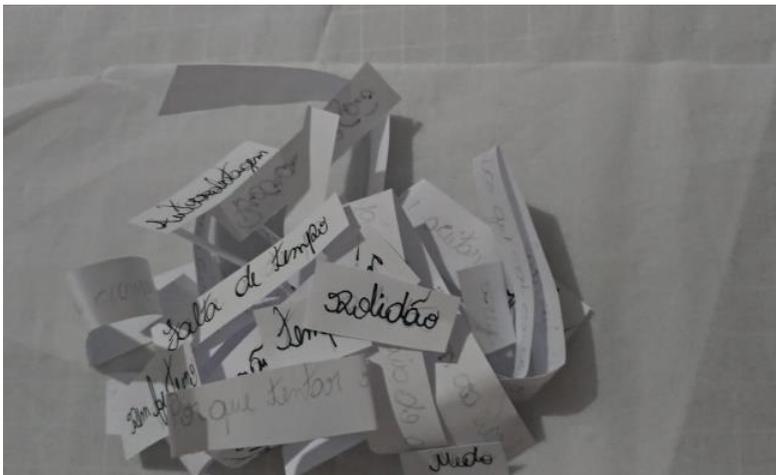


Figura 7

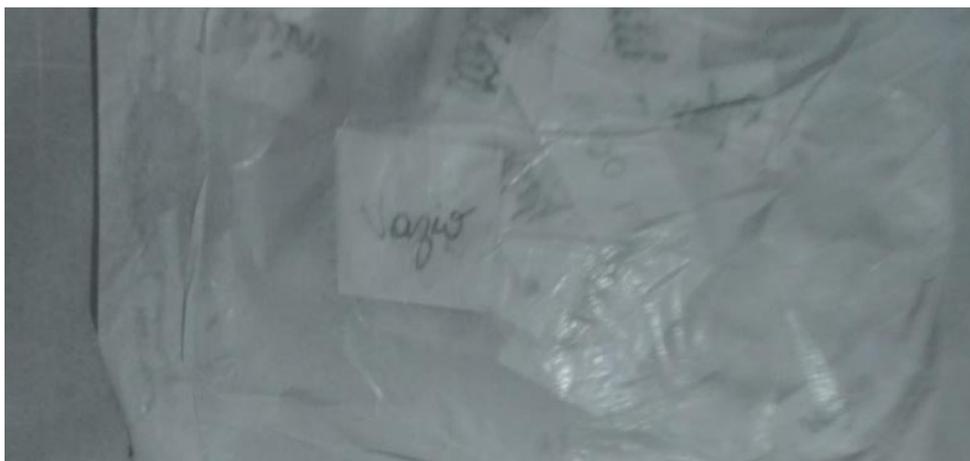


Figura 9

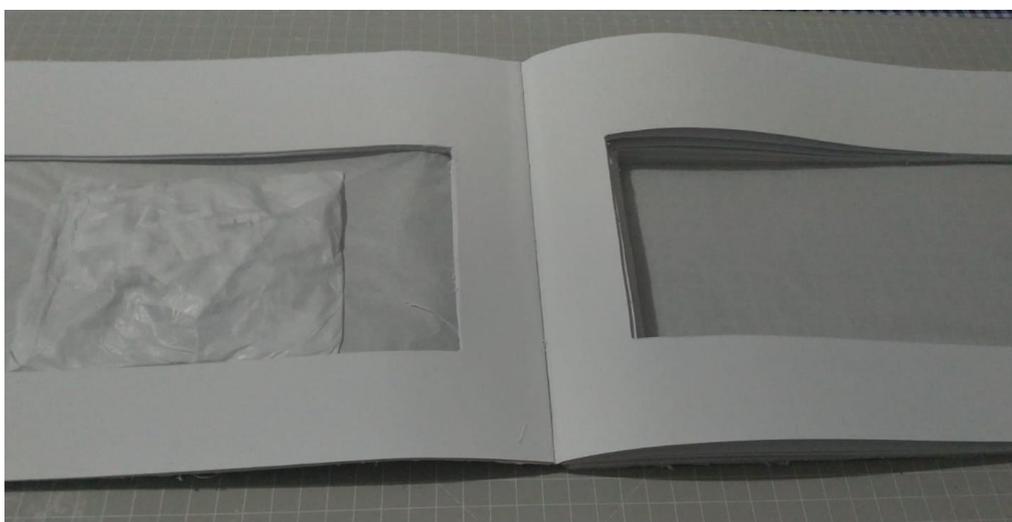


Figura 10

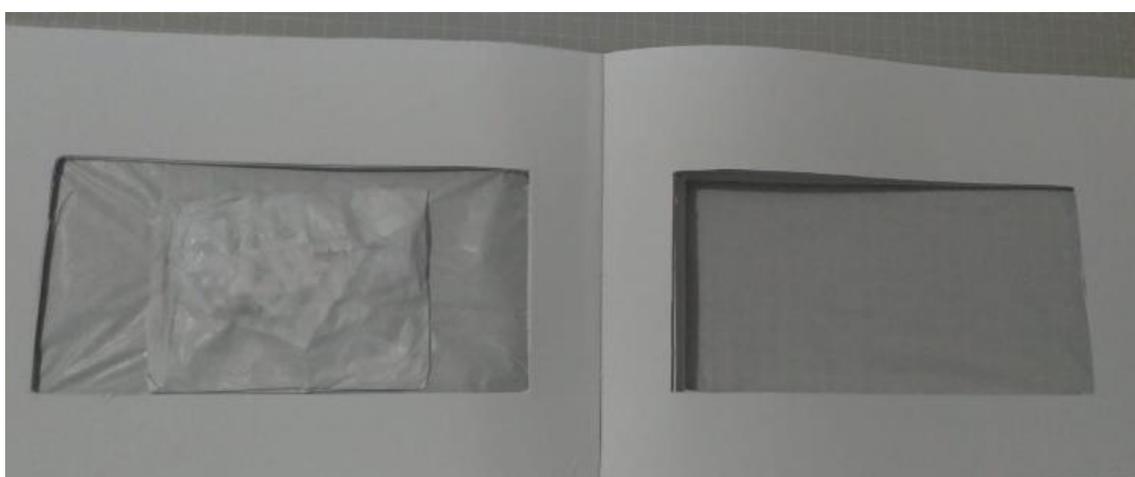


Figura 11 – Figuras 4 á 11 se referem ao processo de construção do primeiro livro Vazio-Eco
Fonte: Fotos do acervo pessoal

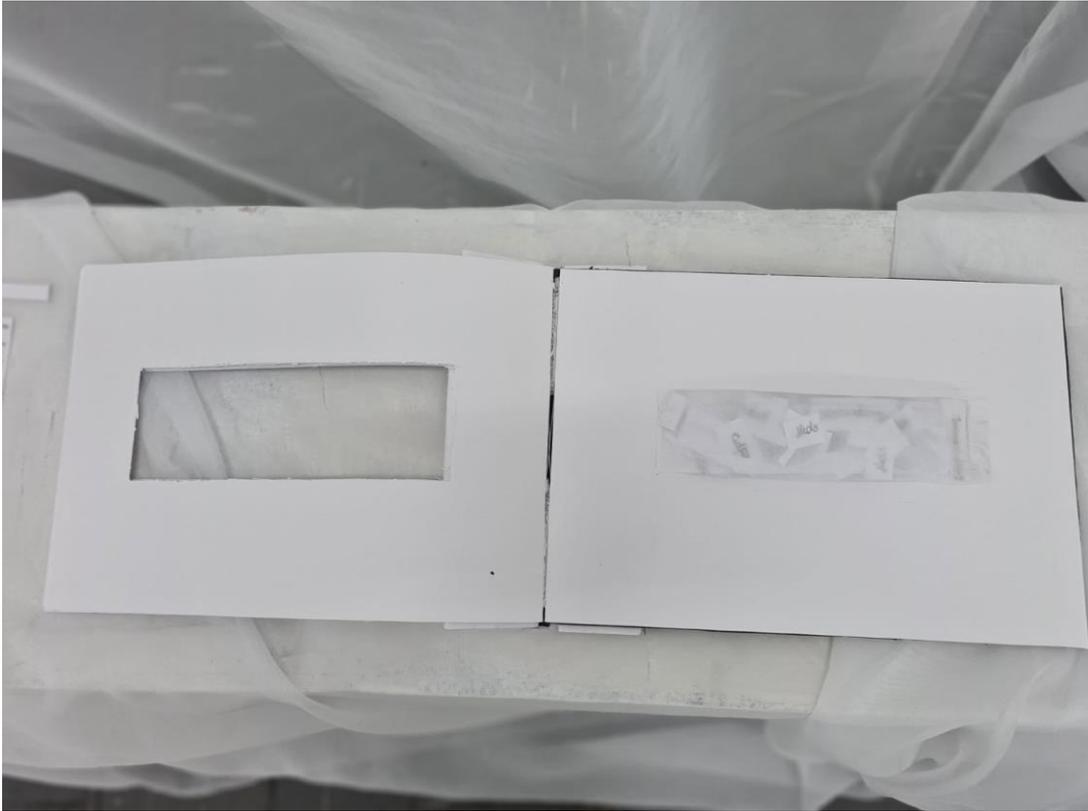


Figura 12



Figura 13 - Figuras 12 e 13 Vazio Eco, 2023, Giovanna Domenegeti. Livro de Artista; Papel 200g, papelão e papel de seda; 32x21,5cm Fonte: Acervo pessoal

O segundo, vazio-eco, procurei um material que se apresentasse de forma levemente transparente e sensível ao toque, diferente do papel de seda que possui um toque escorregadio, queria algo que tivesse um toque aveludado, como as memórias que tentava tocar e sentia desvanecer. Nas tentativas que fazia de lembrar dos acontecidos do mundo real enquanto visita a sala de solidão, sentia uma sensação morna e uma espécie de neblina tampando meus sentidos, o material que me vinha á cabeça era algum papel que se parecesse com tecido ao toque e sua fragilidade seria como as memórias que escapam, me recordei então da tese que li enquanto realizava uma iniciação científica sobre o processo de criação nos livros de artista, “O livro de artista como lugar tátil” de Maria Regina Pereira de Souza, onde a autora analisa o processo de criação de duas artistas para então iniciar sua própria produção, em um de seus trabalhos a autora utiliza o afeto e o acúmulo como partes do seu processo de criação, ela nos conta sobre o processo de construção de um de seus livros que se inicia na pesquisa de materiais até a concepção do trabalho, nesse caso a artista volta o olhar para seus “guardados”, acúmulo de papéis que envolviam os sabonetes, ligados a memória de sua mãe, criando um objeto que traz a tentativa de guardar essas lembranças e memórias afetivas, o livro nomeado como livro de ausências.



*Figura 14 - Márcia Sousa, detalhe do primeiro livro das ausências 20x25cm
Fonte: SOUZA, 2009, P. 140.*

A autora nos conta que utilizou esses papéis que faziam parte da embalagem dos sabonetes para criar seu livro inicialmente, mas que a fragilidade do material levou á busca de novas possibilidades, buscando algum material que se parecesse com os papéis de sabonete.

Eu estava em busca de um material parecido com esse, que fornecesse transparência e delicadeza, enquanto pensava sobre a construção do trabalho, fui até uma papelaria procurar o papel ideal. Após tocar vários papeis e talvez conquistar o ódio da vendedora por não encontrar nada, sai depois de horas de

pesquisa de material. No caminho para casa, parei em uma farmácia para comprar os remédios habituais e ao passar pelos corredores uma caixa de lenços me chamou atenção. Ao lembrar o toque do lenço em minha mão, percebi que havia encontrado o material que buscava.

Utilizei então lenços de papel, separando suas folhas para aumentar a transparência e fragilidade. A capa foi feita com papel de seda e a palavra vazio foi escrita por dentro com caneta branca. Dobrei as folhas de lenço, juntei elas à capa e costurei meu segundo livro da série vazio eco. O livro que capta a sensação de buscar minhas memórias turvas e a possibilidade de perdê-las para sempre ao manusear demais, ante a possibilidade de não as encontrá-las inteiras.

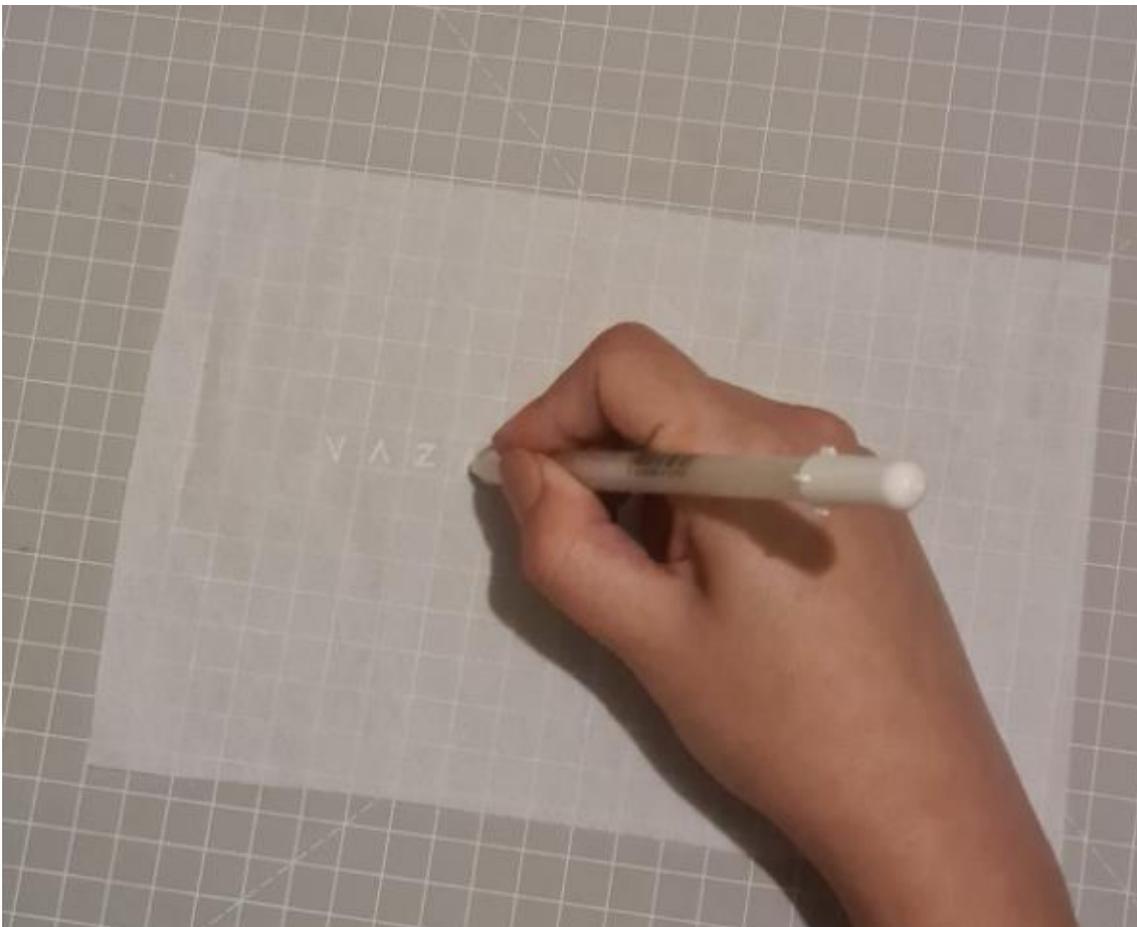


Figura 15

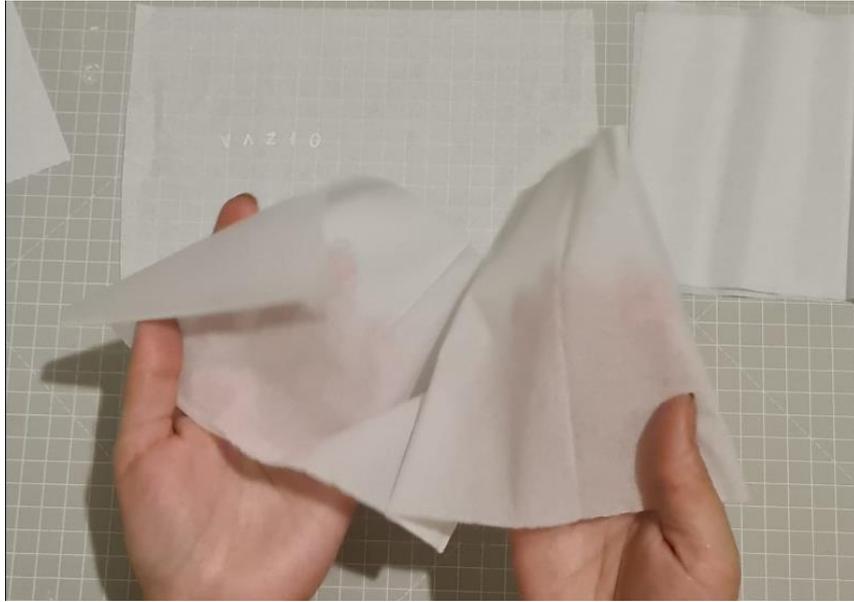


Figura 17



Figura 18



Figura 16



Figura 20



Figura 21



Figura 19 - Figuras 15 á 21 se referem ao processo de construção do segundo livro Vazio-Eco. Fonte: Acervo pessoal

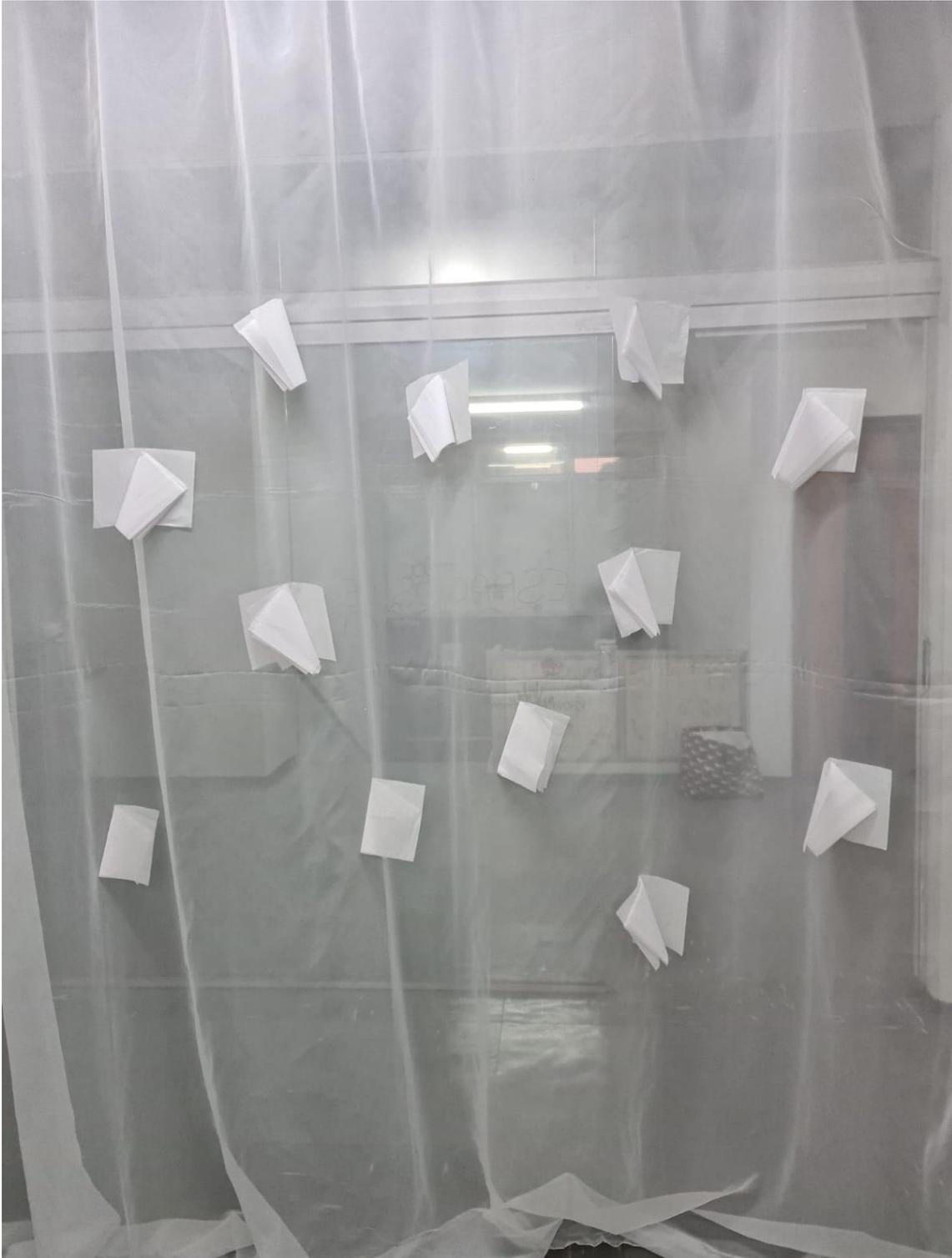


Figura 22 - Vazio Eco, 2023, Giovanna Domenegeti. Instalação com livros de artista; tecido voil, encadernações de papel seda e lenços de papel 2,20m x 2,80m Fonte: Acervo pessoal

13. O conhecimento pesa?

Quando penso sobre o que senti ao acordar na sala de solidão que nomeei o peso do conhecimento, fico dividida entre sensações. O medo de ser soterrada por livros que caíam em mim, me trouxe a sensação que senti ao realizar a pesquisa de iniciação científica. Enquanto lia as pesquisas que tinha escolhido e tentava analisá-las para escrever, começava a me sentir perdida e com um conhecimento muito limitado que me travava e quanto mais eu buscava isso, mais eu me sentia menor e sem conhecimento, ao mesmo tempo que me sentia realizada de estar conseguindo escrever algo.

Penso sobre isso em vários momentos, procurar conhecimento ao mesmo tempo que é compensador, às vezes nos pesa. Para esse trabalho, pensei nos livros cobertos de cimento, passando a sensação de serem pesados para serem retirados do lugar, para retratar um pouco da carga emocional e intelectual que às vezes sentimos ao buscar conhecimento.



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26 – Figuras 23 á 26 se referem ao processo de construção do livro O peso do conhecimento Fonte: Fotos do acervo pessoal

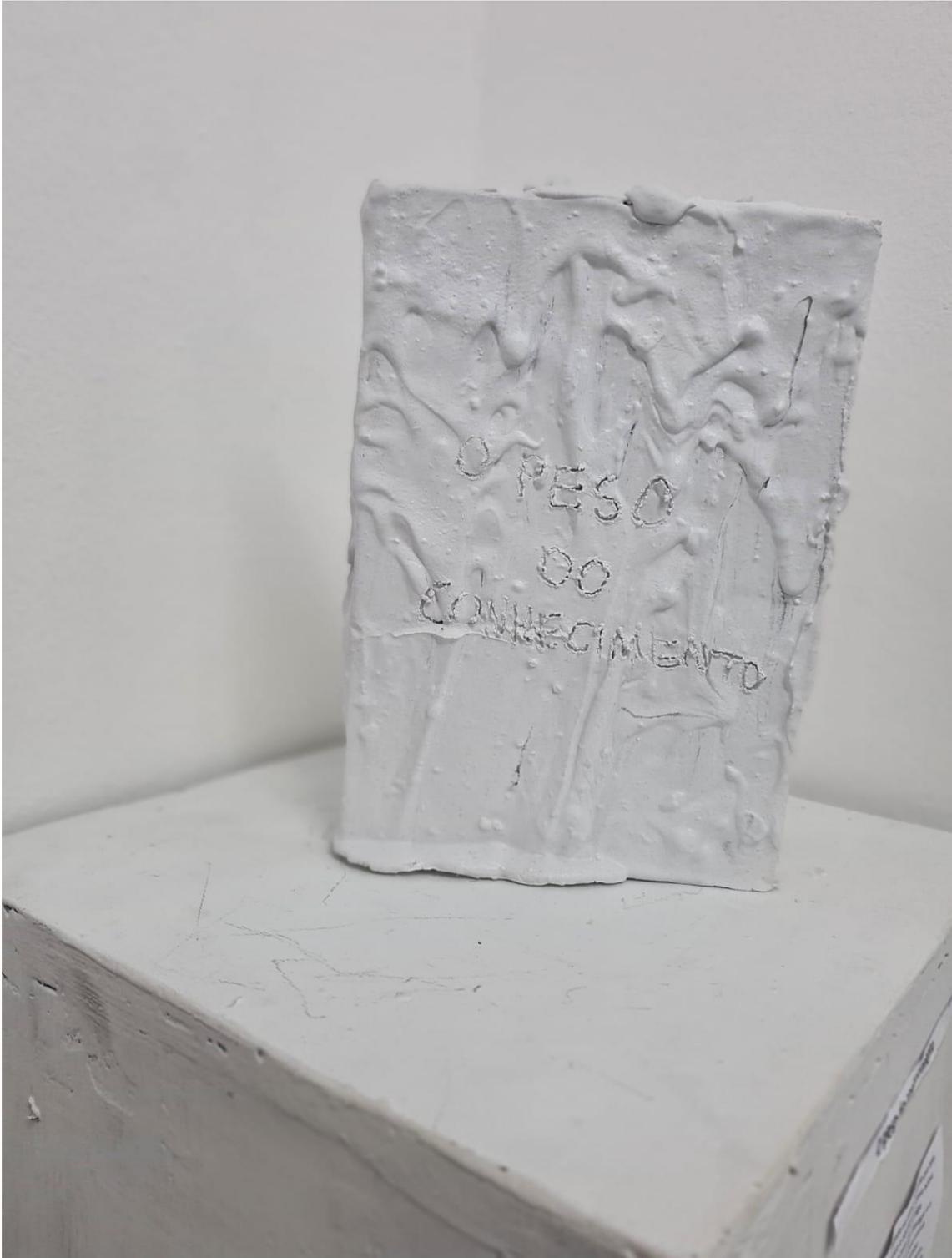


Figura 27 - O peso do conhecimento, 2023, Giovanna Domenegeti. Livro de artista; Livro e cimento; 22x16cm Fonte: Acervo pessoal

14. Construção de ansiedades

Quando vivenciei a experiência de visitar essa sala de solidão, estava segurando uma crise de ansiedade que senti vindo e mesmo assim não consegui controlar. Os supostos tijolos com as palavras representavam cada coisa que me causava ansiedade, se acumulavam em um canto, como se eu os tivesse jogado, como quando tento esconder meus sentimentos de mim mesma, os deixando enterrados, porém não conseguindo manter sempre assim. Porém, alguns já estavam instalados na parede, os sentimentos que não consigo manter longe de mim e já estão enraizados, as crenças limitantes que possuo. Ao ver a obra *Devaneios e Utopias* de Brígida Baltar, 2005



*Figura 28 - Devaneios – Utopias, 2005, Brígida Baltar. Pó de tijolo e Resina 25 x 17 x 1 cm.
Fonte: https://livrosdeartista.itaucultural.org.br/palavra_em_suspenso/devaneios/*

Em que a Artista utiliza pó de tijolo e resina para realizar dois objetos com o formato livro, gravando a palavra devaneios no centro de um e utopias no centro de outro, em livros que nunca poderão ser abertos, nos convidando ao sensorial, ao toque, para que aconteça a experiência de sua leitura, percebi que havia encontrado uma inspiração para pôr em prática o peso do conhecimento.

Utilizei argila fria para realizar os “tijolos”. Abri a massa para que ela ficasse fina, cortei os retângulos e em seguida marquei nas laterais as palavras que me trazem certa sensação de ansiedade.



Figura 29

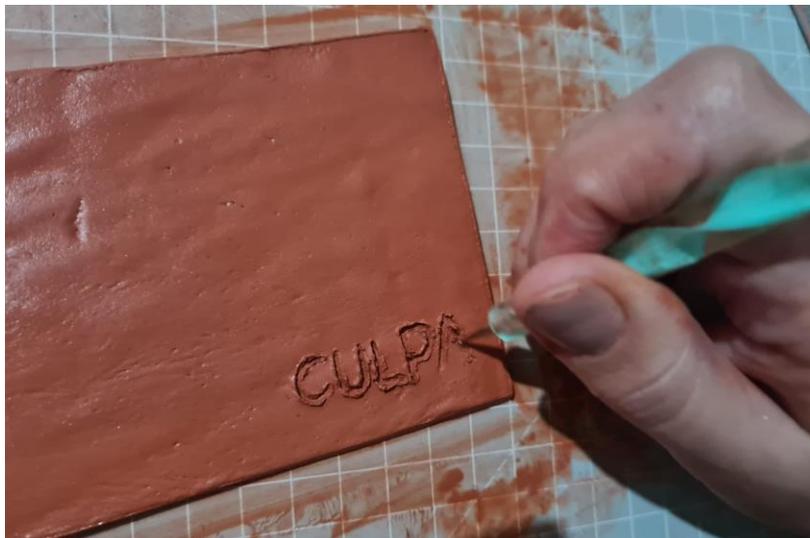


Figura 30



Figura 31



Figura 32 -Figuras 29 á 32 se referem ao processo de construção do trabalho Construção de Ansiedades



Figura 33 - 12 *Construção de Ansiedades*, 2023, Giovanna Domenegeti. Instalação de canto; argila fria; 30x30 cm
Fonte: Acervo pessoal

15. Angústia e medo

Utilizei os sentimentos que senti para nomear a sala de solidão, angústia e medo. Desta vez eu apenas queria me livrar do sentimento constante de medo que estava me rondando e da angústia que isso estava causando no meu dia a dia. Ao visitar a sala, obtive um meio de tentar me livrar desses sentimentos. A sala me retornou um livro com páginas de cera, onde pude escrever tudo que estava me afligindo e então assistir queimar, como uma libertação.

Produzi então um livro com as páginas cobertas de cera. Costurei sua lombada em uma vela, escrevi as palavras angústia e medo no centro de suas folhas com uma agulha e então, queimei um pouco da vela e derreti um pouco das páginas, tentando captar a sensação de me livrar desses sentimentos, mas aprender com eles, uma estrutura que nunca será queimada por completo.



Figura 34



Figura 35



Figura 36



Figura 38



Figura 37



Figura 39



Figura 40



Figura 41



Figura 42 -Figuras 35 á 42 se referem ao processo de construção dos livros Angústia e Medo. Fonte: Acervo pessoal



Figura 43



Figura 44 – Figuras 43 e 44 - Angústia e Medo, 2023, Giovanna Domenegeti. Livros de artista; lenço de papel, parafina e vela; 12x13cm cada. Fonte: Acervo pessoal

16. Considerações finais

“Que a Arte faz por nós? Ela dá forma e torna visíveis nossas emoções, e, ao fazê-lo, apõe o selo de eternidade presente em todas as obras” (BARBERY, 2008, p. 2143*)

Essas páginas e palavras acompanharam uma jornada de conhecimento, autoconhecimento e libertação de uma jovem personagem. As crônicas criadas a partir de seus pensamentos e sentimentos, culminaram no processo de libertação do medo para que então seus projetos fossem realizados, sem indicar uma cronologia real, nos mostrou momentos dos últimos 3 anos, e um pouco da bagunça e confusão que vivencia em sua cabeça.

A autora que aqui vos fala agora, se despede de Domi, para refletir sobre as crônicas criadas.

Permitir que minha imaginação se expressasse livremente por esses escritos, fez com que eu olhasse de perto alguns sentimentos, me fez aprender um pouco mais sobre o que gera cada um deles e aprender a aceitar e me acolher em todos os momentos. Aceitação foi uma palavra forte em todo esse período. Não foi fácil aceitar minhas próprias fraquezas e loucuras, é um processo em construção. Acolher os sentimentos ruins me mostrou um pouco mais de quem sou e a me cuidar melhor. Acolher quem sou, o que está ao meu redor e quem está ao meu redor, me tornou uma pessoa mais cuidadosa. Entender meus medos, me ensinou como enfrentá-los. E enfrentar meus medos resultou nesses escritos, que tiraram de mim o peso de não conseguir realizar tarefas simples, me mostrou o caminho para as produções e tirou o medo de dar forma a elas e apresentá-las ao mundo. As salas de solidão se tornaram não só um local de receio, mas um local de abrigo.

REFERÊNCIAS

OSTROWER, Fayga. Acasos e Criação Artística. Campinas, Editora da Unicamp, 2013.

Pesquisas acadêmicas

SOUSA, Márcia Regina Pereira de. O livro de artista como lugar tátil. 2009, 217 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Livros Literários

BARBERY, Muriel. A Elegância do Ouriço. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. Editora Companhia das Letras, 2008.

MADEIRA, Carla. Véspera. Editora Record, 2021.

PORTELA, Lorena. Primeiro eu tive que morrer. Editora Planeta, 2022.

Sites na Internet

Portal Lygia Clark. Disponível em: [<https://portal.lygiacklark.org.br>]

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>]